

Ver e ser visto: o bebê como espectador

Elenira Peixoto Silva¹

Respiração, olhar e presença. Há algo no espectador bebê, em específico, que emociona. Talvez seja o brilho daquilo que acontece pela primeira vez. É uma apresentação: “esse é o Teatro!”. Não apenas como espaço e linguagem artística, mas como o desejo do encontro, de se inserir em uma experiência.

Há algo de indescritível ao ver bebês assistindo a um espetáculo pensado para eles. Difícil verbalizar olhares, encantamentos e surpresas. Cada pequeno detalhe de um encontro entre os/as bebês e a arte.

O que pode o espectador bebê no teatro? Ele nos provoca a repensar a forma de fazer teatro. Corpo, diálogo e presença. O prefixo “infas”, presente na palavra “infância”, significa “aquele que não fala”, mas Loris Malaguzzi (1999) lembra que “A criança não tem uma, mas cem linguagens” (s/p). A potência do encontro está nesse deslocamento, do que nada teria a dizer para o que é múltiplo em linguagem.

A concepção que temos de infância e o modo como olhamos para as infâncias, múltiplas e diversas, moldam nossa maneira de criar. É preciso deslocar olhares para ver a potência da presença do bebê espectador. Isso implica romper com a visão adultocêntrica que o compreende como um “vir a ser”, um sujeito incompleto em preparação para a vida adulta, para reconhecê-lo como pessoa inteira, presente e participante do mundo agora. Algumas ancoragens teóricas nos ajudam neste caminho.

A **Sociologia da Infância** lembra que as crianças são atores sociais e produtoras de cultura (Sarmiento, 2008; Qvortrup, 2014). O conceito de **agência** é particularmente importante, pois a cultura infantil não é apenas reflexo da cultura adulta, mas campo de invenção e expressão próprios (Prado, 1999; Sayão, 2002; Fernandes, 2004).

E bebês já fazem cultura? Ao observar bebês, percebe-se o alto grau de comunicação e expressão. Eles imitam, inventam e criam. Seus gestos, ritmos e brincadeiras revelam potência simbólica própria (Prado, 1999). A pergunta

¹ Elenira Peixoto é diretora artística e fundadora da Companhia Zin e mestranda na Faculdade de Educação da USP e tem como foco de sua pesquisa o bebê espectador

recorrente “Mas, os bebês entendem?” conduz a refletir sobre o que é entender e a decolonizar formas e modos de olhar.

Grande parte das relações entre bebês e teatro se dá na esfera corpórea. É pelo corpo que eles se comunicam. A ideia de **corporeidade** desenvolvida por Merleau-Ponty (2018) é fundamental. Ela se manifesta na troca de olhares, no jogo de corpo e no balbucio, colocando a cena para bebês como espaço de trocas intercorpóreas. O bebê se envolve com a representação teatral por meio de seus “ecos” gestuais (Prado; Silva, 2025), modos de estar nas bordas e dentro da cena. É necessário pensar um teatro feito desde bebês (Fochi, 2017), abrindo espaço para escuta e diálogo como condição para o encontro. Não falta nada ao bebê espectador.

Ao deslocar o lugar tradicional do espectador, aproxima-se do que Rancière (2010) chama de **espectador emancipado**, capaz de construir seus próprios percursos de sentido. O bebê revela essa relação emancipada, sendo coautor de sentidos.

O bebê põe em xeque concepções tradicionais de teatro. O teatro liga-se à ideia de **experiência**, como propõe Larrosa (2002): aquilo que nos atravessa e transforma. No teatro para bebês, “a expressividade dos/as artistas não apenas captura a atenção, mas também permite compreender o teatro como uma experiência (...) que valoriza a sutileza, a disponibilidade e a capacidade de resposta ao inesperado” (Prado; Silva, 2025, p. 6).

A criança se apresenta como mistério, como afirma Larrosa (2017). A **infância como enigma** é ponto de virada e abertura ao inesperado. O teatro para bebês vem ganhando força no Brasil desde a primeira década dos anos 2000, consolidando-se a partir de encontros, festivais e trocas entre artistas, adaptando-se às realidades e culturas locais. A Companhia Zin está entre estes grupos e, desde 2009, cria trabalhos para a primeira infância. Foram muitas descobertas na tentativa e erro ao criar para crianças de 0 a 6 anos, com foco no 0 a 3. Nestes anos, surgiram cinco trabalhos artísticos que se diferenciam entre si, mas partem do mesmo lugar: o desejo de dialogar com bebês. Cada sessão é um acontecimento único, no encontro com **espectadores-performers**, pois a criança é performer (Machado, 2010).

Reconhecer o bebê como espectador é mais do que uma escolha estética: é uma afirmação ética e política que também significa garantir seu direito de participar da vida cultural. Ao deslocar o olhar e garantir o direito da criança

pequena como sujeito cultural ativo, ampliam-se os horizontes para a criação artística e para a educação estética desde a primeira infância. Tal reconhecimento exige que o teatro se organize de modo a acolher sua presença como legítima, adaptando tempos, linguagens e espaços passando a ser um território de encontro, escuta e partilha, onde cada gesto, olhar ou som produzido pelo bebê é parte constitutiva da obra. É nesse diálogo que se constrói um campo fértil para novas formas de presença e relação, capazes de transformar não apenas a cena, mas também quem dela participa, reafirmando que a cultura é um direito de todos e que a presença do bebê, plena de sentidos e afetos, pode transformar o próprio fazer artístico.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, p. 20-28, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. O enigma da infância: ou o que vai do possível ao verdadeiro. In: **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando, 2017, p. 229-246.

FERNANDES, Florestan. As “trocinhas” do Bom Retiro. **Pro-posições**, v. 15, n. 1, p. 229-250, 2004.

FOCHI, P. S. Teatro desde bebês: contributos para pensar o teatro, a arte e a educação. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**, v. 18, p. 65-81, 2017. DOI: 10.5965/2595034702182017065.

MACHADO, M. M. A criança é performer. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 115-137, 2010.

MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

PRADO, P. D. As crianças pequenininhas produzem cultura? **Pro-posições**, v. 10, n. 1, p. 110-118, 1999.

PRADO, P. D.; SILVA, E. P. Teatro para/com bebês e corporeidade em jogos performáticos na peça Linhas. **Olhar de Professor**, v. 28, p. 1-22, 2025.
QVORTRUP, Jens. Visibilidades das crianças e da infância. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 23-42, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.
SAYÃO, Deborah Thomé. Crianças: substantivo plural. **Zero-a-Seis**, v. 4, n. 6, p. 24-32, 2002.

ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. Corpo e espanto na filosofia de Merleau-

Ponty. In: NÓBREGA, T. P.; CAMINHA, I. O. (Orgs.). **Merleau-Ponty e a Educação Física**. São Paulo: Liber Ars, 2019, p. 119-131.